



ESCOLA SECUNDÁRIA DE LOUSADA

Prova Escrita de Português

Ano de Escolaridade: 12º

Grupo I

Leia atentamente o seguinte texto:

XXXIV

Acho tão natural que não se pense
Que me ponho a rir às vezes, sozinho,
Não sei bem de quê, mas é de qualquer coisa
Que tem que ver com haver gente que pensa...

- 5 Que pensará o meu muro da minha sombra?
Pergunto-me às vezes isto até dar por mim
A perguntar-me cousas...
E então desagrado-me, e incomodo-me
Como se desse por mim com um pé dormente...
- 10 Que pensará isto de aquilo?
Nada pensa nada.
Terá a terra consciência das pedras e plantas que tem?
Se ela a tiver, que tenha...
Que me importa isso a mim?
- 15 Se eu pensasse nessas cousas,
Deixava de ver as árvores e as plantas
E deixava de ver a Terra,
Para ver só os meus pensamentos...
Entristecia e ficava às escuras.
- 20 E assim, sem pensar, tenho a Terra e o Céu.

Alberto Caeiro, "O Guardador de Rebanhos", in *Poesia*,
Lisboa, Assírio & Alvim Ed., 2001

Apresente, de forma bem estruturada, as suas respostas ao questionário.

1. Explícite as características do "eu" reveladas na primeira estrofe.
2. Analise os sentimentos expressos no verso: "*E então desagrado-me, e incomodo-me*" (v. 8).
3. Atente no verso: "*Que me importa isso a mim?*" (v. 14). Explique o seu significado no contexto em que surge.
4. Refira os efeitos produzidos pelos traços de discurso oral presentes no poema.
5. "*E assim, sem pensar, tenho a Terra e o Céu.*" (v. 20)
Comente o sentido deste verso enquanto conclusão do texto.

Grupo II

Resuma o texto a seguir transcrito, constituído por (mais ou menos) 110 palavras, num texto de 35 a 45 palavras.

Na poesia de Reis é constante a desconfiança perante a Fortuna, os sentimentos fortes, o prazer. Diz a sabedoria antiga que a Fortuna é insidiosa e nada devemos esperar que não provenha de nós próprios. "A sorte inveja, Lídia. Emudeçamos". O melhor é viver longe do tumulto das cidades, onde "mãos alheias" nos oprimem; mas até no retiro campestre, tão grato a Epicuro, cumpre fugir aos laços do amor demasiado intenso. A amante de Reis é apenas a companheira de viagem, "pagã triste e com flores no regaço"; não se beijam nem sequer apertam as mãos, para que, morrendo um deles, a sua lembrança não fira o coração do outro.

Proposta de Resolução

GRUPO I

1. O “eu” caracteriza-se como alguém que recusa o pensamento, achando mesmo ridículo e absurdo que se pense, distanciando-se, por isso, de todos aqueles que pensam. Para ele pensar é antinatural (*“Acho tão natural que não se pense”*) e motivo de troça (*“Que me ponho a rir (...) / Que tem que ver com haver gente que pensa...”*).
2. Os sentimentos expressos neste verso relacionam-se com o facto de o sujeito poético se sentir descontente consigo próprio, de sentir uma repulsa de si mesmo, quando toma consciência de que se deixou levar pelo pensamento, ou seja, quando percebe que pensou. *Pensar* é sempre sinónimo de desagrado.
3. Esta frase surge perfeitamente integrada na problemática da recusa do pensamento, que constitui o tema do poema. Ao “eu”, tal como à própria natureza, não interessa minimamente reflectir sobre a hipótese inverificável de as coisas terem pensamento, uma vez que o sujeito poético é completamente indiferente a tal questão.
4. As características oralizantes presentes no poema – vocabulário simples e corrente, repetições, frases curtas, frases interrogativas, reticências, recurso a perguntas e respostas – enquadram-se na “filosofia” do sujeito poético: a exaltação do simples e a recusa do elaborado, logo do pensamento, facilitando, assim, a comunicação das ideias.
5. Este verso não faz mais do que sublinhar a ideia-chave do poema: a recusa do pensamento. Pensar encobriria a verdadeira realidade das coisas, não deixaria que o mundo revelasse a sua plenitude, assim, não pensando, tudo o que é real e verdadeiro está ao alcance do “ver”, do “sentir”, enfim, do viver e ser feliz.

GRUPO II

A obra de Reis revela o desapego pelas emoções intensas e pela sorte. Para isso refugia-se num ambiente campestre, onde também não se pode envolver em relações profundas. Por isso, a amada é só companheira, com quem não há intimidades, de modo a que, com a chegada da morte, nenhum sofra.